

Índia: como China ou Brasil?

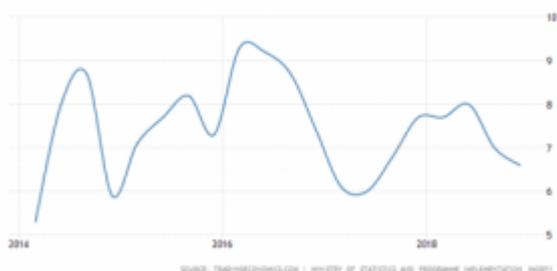
Há cinco anos, o partido nacionalista de direita Bharatiya Janata (BJP), liderado por Narendra Modi, voltou ao poder no Lok Sabha (parlamento) da Índia. Agora, na terceira maior economia do mundo (em termos de PPA), mais de 800 milhões de índios votaram em uma eleição de seis semanas para reeleger seus líderes.

O BJP decidiu antes, de 1998 a 2004. Mas o BJP provou ser um instrumento pouco confiável para o capital indiano, atormentado como é por antigos membros do que é basicamente um partido religioso fascista hindu, o Rashtriya Swayamsevak Sangh (RSS), uma organização modelada a partir dos camisas negras de Mussolini. Modi era um membro veterano do RSS, antes de se juntar ao BJP sem quaisquer problemas. No entanto, nos últimos cinco anos, Modi se apresentou como líder de um governo 'pró-empresarial', aplicando o que ele gosta de chamar de 'Modinomics'.

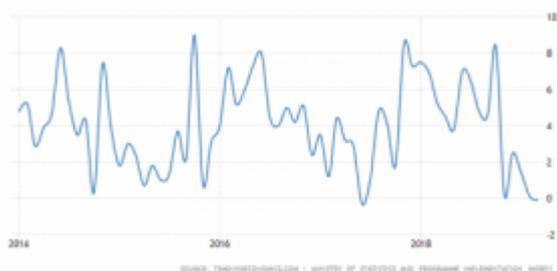
As 'Modinomics' se reduzem a políticas econômicas neoliberais com o objetivo de aumentar a taxa de exploração do trabalho para aumentar a rentabilidade do capital e ter incentivos para investir. Para este fim, o Modi introduziu novos impostos sobre as vendas e retirou notas de alta denominação em uma tentativa de "desmonetizar" a economia e proporcionar aos bancos um maior controle de crédito.

Nos primeiros anos da "Modinomics", parecia que a Índia estava dando um salto adiante, com um crescimento real do PIB ainda mais rápido que o da China e com um aumento na renda dos trabalhadores rurais e agricultores, a base eleitoral primária do BJP, enquanto era apoiada pelas grandes empresas e pelo capital indiano. Mas estes primeiros anos foram seguidos por problemas crescentes. A maior economia mundial de crescimento mais rápido no mundo enfrenta agora uma desaceleração. Os números oficiais do crescimento econômico foram reduzidos para

6,6% no último trimestre de 2018, o mais lento em seis trimestres e agora está crescendo na mesma proporção da China.



E estes números do PIB são duvidosos de qualquer forma. Em 2015, o instituto de estatística indiano anunciou subitamente valores revistos do PIB. Aumentou o crescimento do PIB em 2% ao ano de um dia para o outro. O crescimento nominal da produção interna foi “deflacionado” em termos reais por um deflacionador de preços baseado nos preços da produção por grosso e não nos preços no consumidor nas lojas, pelo que o valor do PIB real aumentou. Por outro lado, esta revisão não foi aplicada a toda a série econômica, pelo que já ninguém sabe qual é o crescimento atual em relação a 2015. Os valores do PIB também não são “ajustados sazonalmente” para ter em conta qualquer alteração no número de dias num mês ou trimestre, nas condições meteorológicas, etc. Um ajuste sazonal teria mostrado que o crescimento real do PIB da Índia está bem abaixo do valor oficial. Um melhor indicador de crescimento são os dados da produção industrial.



As vendas de automóveis desportivos e SUV caíram para um mínimo de sete anos. As vendas de tractores e veículos de duas rodas caíram. Os lucros líquidos de 334 empresas (excluindo bancos e finanças) caíram 18% ao ano, segundo o jornal Financial Express. A rápida expansão da indústria de veículos

sob o governo Modi levou a previsões de que a Índia iria em breve ultrapassar o Japão e a Alemanha para se tornar o terceiro maior mercado do mundo. Mas no mês passado, as vendas de automóveis de passageiros foram 17,7% inferiores às do ano anterior.

O setor automotivo tornou-se uma das vítimas mais proeminentes de uma contração do mercado da dívida, que teve início no mercado “shadow banking” da Índia em setembro passado, quando a falência do grupo de infra-estruturas e financiamento da IL & FS esvaziou os fundos de investimento. Eles drenaram dinheiro do mercado de títulos comerciais, uma importante fonte de financiamento para empresas financeiras não bancárias que haviam impulsionado o crescimento dos empréstimos, conquistando a participação de mercado dos bancos em problemas controlados pelo Estado. As chamadas NBFC têm sido particularmente ativas em áreas como o crédito para veículos e empréstimos para as pequenas empresas.

Isso não é tudo. Em março, o crescimento de passageiros no mercado de aviação de crescimento mais rápido do mundo caiu em seu ritmo mais lento em quase seis anos. A procura de crédito bancário estagnou. A Hindustan Unilever, maior fabricante indiano de bens de consumo, relatou que seu crescimento de receita no primeiro trimestre foi de apenas 7%, seu nível mais baixo em 18 meses.

Parece que o “boom do consumo” da classe média iniciado pelo Modi se esgotou. Há uma queda na renda urbana e rural. O excedente agrícola provocou o colapso dos rendimentos do sector. Kaushik Basu, ex-economista-chefe do Banco Mundial e professor de economia da Universidade de Cornell, acredita que a desaceleração é “muito mais grave” do que se pensava inicialmente. O crescimento das exportações tem sido próximo de zero nos últimos cinco anos. E agora o boom do consumo interno está se enfraquecendo.

Ao contrário da China, a Índia parece estar se aproximando

daquilo a que o Banco Mundial chamou a armadilha do “rendimento médio”, quando a grande maioria da população permanece na pobreza, enquanto os 10% mais ricos vivem bem e gastam, mas não fazem qualquer investimento ou comprometem-se a criar empregos e a proporcionar formação, educação e habitação ao restante da população. A Índia vai acabar como o Brasil, não como a China, a Coreia e o Japão – num beco sem saída. Sob o governo Modi, o desemprego está em seu ponto mais alto. O plano “Build in India” parece estar se esgotando. E a Boeing, a Airbus ou a Apple não investiram em fábricas na Índia.

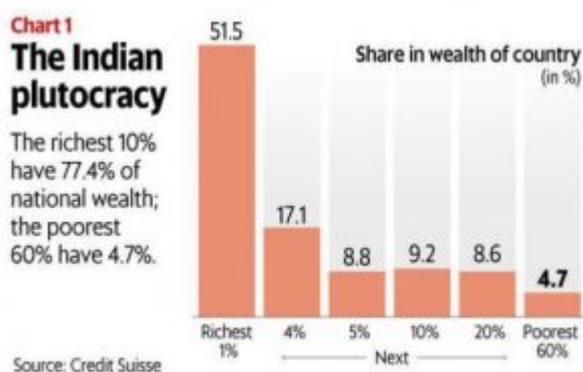
Dois terços dos trabalhadores indianos estão empregados em pequenas empresas com menos de dez empregados, onde seus direitos trabalhistas são ignorados – de fato, a maioria é paga irregularmente e com rúpias em efetivo, o chamado setor “informal” que evita impostos e regulamentações. A Índia tem o maior setor “informal” entre as principais “economias emergentes”. No entanto, as pequenas empresas não são muito produtivas.

Na verdade, a Índia tem um dos níveis mais baixos de produtividade na Ásia. Entre 1950 e 1980, o crescimento médio da produtividade do trabalho foi de apenas 1,7%. Nas duas primeiras décadas do novo milênio registou-se um aumento médio de mais do dobro para 3,8%. Foi o período em que os setores industrial e de serviços da Índia decolaram, atraindo mão-de-obra do setor agrícola menos produtivo. O crescimento da produtividade do trabalho atingiu 10,2% em 2010 e desde então diminuindo. Em 2016, foi de 4,75%. Não é um bom augúrio para a consecução dos objetivos de crescimento necessários para elevar o nível de vida.

A produtividade aumentaria se os camponeses geralmente subempregados pudessem se mudar para as cidades e obter empregos industriais nas cidades. Esta é a forma como a China transformou a sua força de trabalho; evidentemente, para ser melhor explorada pelo capital, mas também para aumentar a

produtividade e os salários. A China fez isto através do planeamento estatal da migração laboral e da construção de enormes infra-estruturas. A Índia não pode, por isso a sua taxa de urbanização está muito atrás da China. O capital indiano e estrangeiro ainda não são capazes de tirar o máximo proveito das enormes reservas de mão-de-obra, principalmente de jovens, para fins lucrativos. Consequentemente, o crescimento do emprego é patéticamente lento. Entre 10 e 12 milhões de jovens entram no mercado de trabalho todos os anos, mas muitos deles são incapazes de encontrar trabalho ou carecem de competências adequadas.

A Índia é uma das sociedades mais desiguais do mundo. Os 1% mais ricos possuem 52% da riqueza do país, de acordo com os últimos dados globais de riqueza do Credit Suisse Group. Os 10% mais ricos dos índios aumentaram sua participação no bolo de 68,8% em 2010 para 77% em 2018. Em contraste, a metade inferior da população indiana possui apenas 4% da riqueza do país.

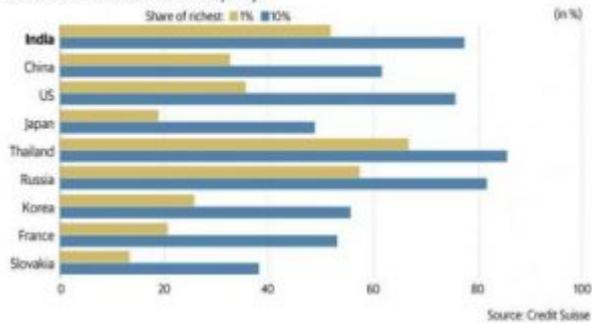


O coeficiente de Gini é uma forma de medir a desigualdade, com uma leitura de 100% denotando desigualdade perfeita, e zero indicando igualdade perfeita. Segundo o Credit Suisse, o coeficiente de Gini de riqueza na Índia aumentou de 81,3% em 2013 para 85,4% em 2018, demonstrando que a desigualdade de renda é muito alta e crescente.

Chart 2

India among high-inequality nations

Slovakia has the least wealth inequality.



Como sublinha o relatório do Credit Suisse: “Embora a riqueza tenha aumentado na Índia, nem todos compartilharam desse crescimento. A pobreza ainda é considerável, o que se reflete no fato de que 91% da população adulta possui riqueza abaixo de US\$10.000. No outro extremo, uma pequena fração da população (0,6% dos adultos) tem um patrimônio líquido de mais de \$100.000.

E há a questão dos recursos básicos necessários para os 1,2 bilhão de pessoas. A água subterrânea bombeada mecanicamente fornece 85% da água potável da Índia e é a principal fonte de água para todos os usos. O lençol freático no norte da Índia está diminuindo a uma das taxas mais rápidas do mundo, e muitas áreas podem ter começado a esgotar os seus recursos hídricos. O Banco Mundial prevê que a maioria dos recursos hídricos subterrâneos da Índia atingirão um estado crítico dentro de 20 anos.

A grande demanda do capital indiano é reduzir o tamanho do estado. Burocrático e ineficiente, o governo central e a administração da Índia, bem como as empresas estatais criadas nos primeiros tempos do “socialismo” da Índia, proporcionaram alguma solidez à economia indiana. No entanto, as multinacionais indianas e os grandes capitalistas querem que isto acabe. O governo central e os estados executam seus orçamentos anuais com déficits significativos, pois subsidiam alimentos e combustível para milhões de índios pobres. Estes déficits são financiados por empréstimos e o custo dos empréstimos tem reduzido progressivamente as receitas fiscais

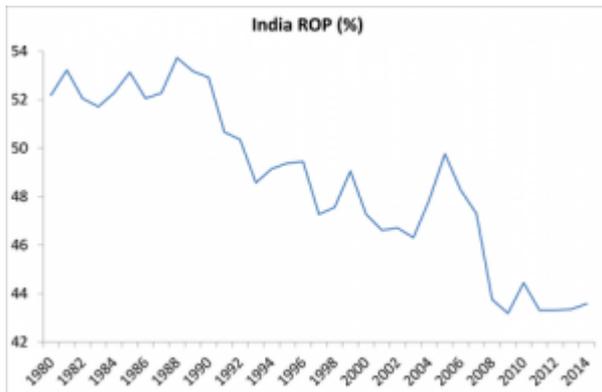
disponíveis, deixando pouco para a educação, saúde ou transportes.

As receitas fiscais do governo são baixas porque as empresas indianas pagam poucos impostos e os ricos ainda menos. A desigualdade de renda na Índia não é tão alta quanto na China, Brasil ou África do Sul, mas é provável que seja maior do que o índice oficial de Gini por causa das enormes receitas ocultas dos ricos, que têm aumentado. De acordo com a OCDE, a desigualdade de rendimentos duplicou na Índia desde o início dos anos 90. Os 10% mais ricos dos índios ganham 12 vezes mais dinheiro do que os 10% mais pobres, em comparação com cerca de seis vezes em 1990.

Essa desigualdade não é responsabilidade exclusiva do governo Modi. Governos anteriores liderados pelo Congresso também perpetuaram esta desigualdade – de fato, sob a corrupta dinastia Gandhi, as coisas pioraram. É por isso que o BJP permanece no poder mesmo que perca lugares.

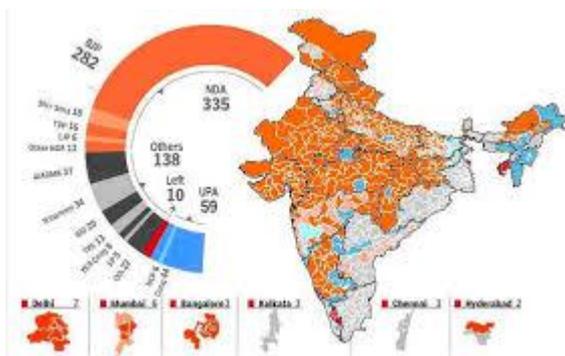
O verdadeiro problema do capitalismo indiano é o declínio da rentabilidade do seu setor empresarial. A taxa de lucro é elevada em relação aos padrões internacionais, como acontece em muitas “economias emergentes” que têm massas de mão-de-obra barata proveniente das zonas rurais. Mas, ao longo das décadas, o aumento do investimento em bens de capital relacionados ao trabalho começou a criar um exército de reserva de mão-de-obra, além da queda da lucratividade.

A rentabilidade do capital na Índia vinha caindo de forma constante (embora a partir de um nível elevado de “mercado emergente”), mesmo antes do início da crise econômica global. Caiu ainda mais desde então e é agora 20% mais baixa do que na década de 1980. Os anos de crescimento de dois dígitos dos anos 2000, quando todos estavam falando sobre a indústria de terceirização de software da Índia e novas empresas automotivas, não voltarão sem reduções drásticas na proporção do valor que vai funcionar.



A resposta do capital indiano, apoiado pelo Modi, é a privatização, cortes nos subsídios de alimentos e combustíveis e um novo imposto sobre as vendas, um imposto que é a forma mais regressiva de receita tributária, pois atinge especialmente os mais pobres. O objetivo aqui, como em qualquer política económica neoliberal, é aumentar a taxa de exploração do trabalho de uma forma que aumente a rentabilidade do capital e proporcione incentivos ao investimento, algo que o capital indiano se recusa a fazer por enquanto.

Como em 2014, o eleitorado da Índia teve que escolher, nessas eleições, entre um partido corrupto nas mãos de uma dinastia familiar, apoiado por grandes interesses comerciais e de proprietários, e um partido nacionalista xenófobo (com crescente apoio de grandes empresas e investidores estrangeiros). Por enquanto, Modi ganhou outra vez.



Original: [The Next Recession](#)